

ANNO IX
NUMERO 203

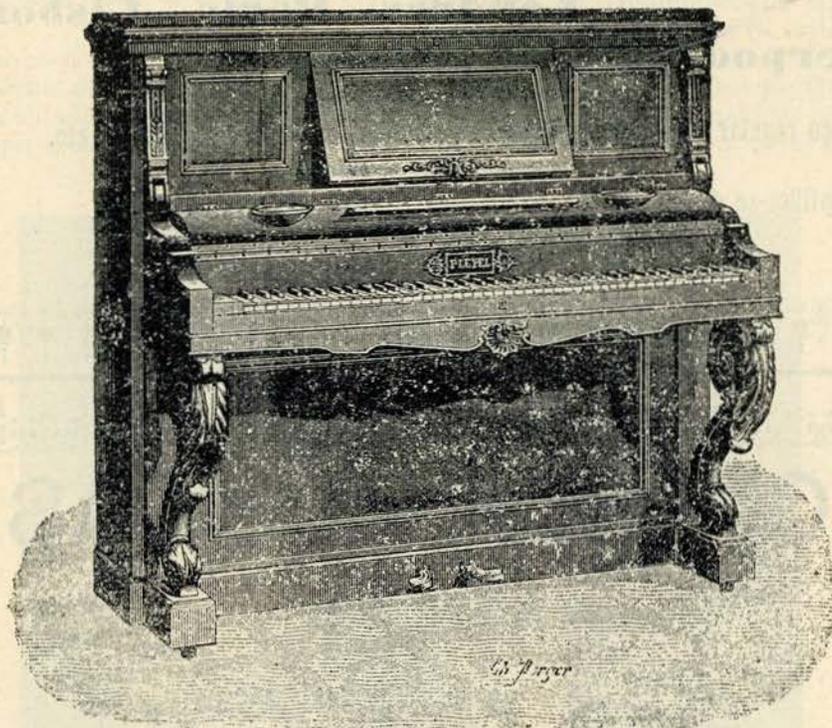
A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa
Antuerpia — Porto — Lisboa
Londres — Porto — Lisboa
Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

—* Modelos exclusivos *

Enviam-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

A ARTE MUSICAL
 Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração

Proprietario e director
Michel'angelo Lambertini

LISBOA

Praça dos Restauradores
 43 A 49

Composto e impresso
 na typ. do ANNUARIO COMMERCIAL
 Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO: F. G. Barrias (1822...) La mort de Chopin — O «Bis» — A moabita — A' guitarra — Concertos — Noticiario.

F. G. Barrias

(1822...)

La mort de Chopin.

A' semelhança de Mozart, Chopin desaparece em pleno desenvolvimento das privilegiadas faculdades, que assignam a este artista um logar d'eleição na historia da musica. O seu individualismo em que imperam iniludivelmente as condições ethnicas, inalteraveis no meio aristocratico, em que lhe decorre o exilio, encontra no piano o instrumento mais adequado ao sentimentalismo romantico, ao sonho de patriotismo e de amor, que foi a athmosphera das suas creações. Viveu quanto era preciso para fechar o capitulo d'arte, que na poesia revestiria a forma do soneto, como o fizeram os poetas amorosos da Italia, de Portugal e Hespanha, dos seculos XIV a XVI. As suas composições dominantes — os preludios, os nocturnos, as

valsas — são formas poeticas, breves como convem á expressão de sentimentos intensos, mas fugazes, e marcadas pela linha rithmica, inspirada na voluptuosidade da *dansa*, tal como a comprehenderam os esthetas hellenicos, na sua forma mais artistica — a *dansa* expressiva de movimentos psychicos.

Despreocupada de qualquer concepção litteraria ou filosofica, a obra de Chopin é

essencialmente impressiva, simplista, e desenrola a successão dos estados de alma do artista, que foi nativamente um poeta, obedecendo a todas as suggestões de belleza, e consubstanciando no eterno *feminino* as aspirações supremas de um ser todo feito de



graça e de paixão. Nem a opera, nem a complexa architectura das obras, que demandam complexa gestação, e em que collaboram transcendentemente especulações do genio com profundas emoções affectivas, tentaram jamais os impulsos do musico-poeta, que na simples e dolente expansão dos seus cantares

satisfazia amplamente as necessidades communicativas das suas paixões.

Pela influencia iniludível de sentimentos patrióticos e pela synthese amorosa, que dominam a sua obra, Chopin é o Petrarca da musica.

GUIDO.

O «BIS»

Continua aberto o inquerito da *Arte Musical* a proposito d'este interessante assumpto, publicando-se hoje mais algumas cartas que temos recebido.

Falta-nos, porém, um grande numero de respostas, de pessoas cuja opinião muito importava conhecer, e a quem nos dirigimos mesmo pessoalmente para de algum modo activar o andamento do inquerito.

A essas e a todos os que desejem informar nos do seu parecer sobre o caso, muito agradeceríamos a prompta remessa das suas communicações.

*

O *bis* não tem razão de ser. De anti-esthetico que é, chega a ser irracional. Nem o ouvinte recebe, na immediata repetição de um trecho, uma impressão da mesma intensidade da primeira, nem o artista pode repetir o trecho com identica expressão. Uma circumstancia em que poucos attentam é que a impressão de um trecho não resulta sómente da execução, nem esta tão pouco se explica apenas pelo dominio que o artista tem sobre os meios de expressão; ambas ellas dependem ainda, em grande parte, do contraste existente entre duas peças que se succedem.

É claro que um trecho suave se torna muito mais suave quando vem logo após um outro violento, e vice-versa; um final triumphante, preparado por um longo crescendo ascensional, é muito mais arrebatador do que se apparece abruptamente. Basta lembrar a entrada do *Lohengrin* no 1.º acto da opera. Ha imposições constructivas que se não podem alterar ou infringir arbitrariamente. O celebre dito: «Architectura é musica gelada» já foi transformado n'este outro mais profundo: «Musica é architectura em movimento». Uma cidade, onde as casas apresentassem repetições de portas ou janellas não sujeitas ás imposições da esthetica da construcção e á fiscalisação das camaras, daria necessariamente a impressão d'uma terra de doidos.

Como um edificio qualquer, o programma

de um concerto pode, quando bem organizado, conter em si aproximações de estruturas semelhantes. Inutil e absurda se torna pois a procura da repetição do goso na repetição da peça. É uma illusão e um contra-senso.

Além d'isso só de um trecho pequeno se póde e usa pedir *bis*, quando justamente seriam as peças grandes que d'elle necessitariam. E repetindo-se uma vez, porque não duas, ou tres vezes?

Em boa razão um só caso auctoritaria e justificaria o *bis*; e n'esse é que o publico jamais o pede: é quando o artista tocou mal. O grande compositor e pianista francez Alkan, n'um concerto offerecido aos seus amigos na Sala Erard, após a execução da primeira peça (uma *Tocatta* de Bach), disse singelamente: «Esta peça não me sahju como eu desejava; por isso logo a repetirei, findo o programma».

J. VIANNA DA MOTTA.

*

A proposito do *bis*.

Deparo no ultimo numero de «Le Courier Musical», o de 1.º de maio, com a seguinte noticia:

«Consagrado á musica estrangeira, o quinto sarau do *Lied moderne* provou-nos que a musica menos boa é ainda a que reúne mais sufragios. No programma, entre obras muito interessantes, figuravam algumas de menor valor, como seja a *Serenata da Milenka* de Blocks. O publico não hesitou: bisou com entusiasmo esta obra e ficou completamente embasbacado á segunda audição. Verdade seja que M. Mauguière a cantou por forma que um tudo-nadinha mais e não lhe perdoariamos o fazer-nos parecer quasi linda uma musica tão chata».

Isto passa-se agora, na *Ville Lumière*, com publicos d'*élite* e em sociedades com pretensões litterarias. *Lied moderne* cheira a critica litteraria e musical a cem leguas de distancia. Civilisado ou não, lá no fundo do homem, encontra-se sempre aquelle que Eça de Queiroz denomina o *Pae veneravel*.

Chassez le naturel, il revient au galop. Isto é eternamente velho e portanto eternamente novo.

A. A.

*

Meu caro Lambertini

Deixe-me felicitá-lo antes de tudo pela idéa que teve, porque ella nos trouxe entre muitas coisas interessantes a preciosa resposta de Antonio Arroyo, para correctivo

necessario e indispensavel de tantos abusos, em que se desmanda a má educação dos frequentadores de S. Carlos e dos concertos lisboetas.

Sob o ponto de vista nacional, todas aquellas verdades, tão corajosamente expostas n'um paiz de mentiras, são absolutamente precisas. O povo, que assim procede tão grosseiramente em audições d'Arte, não tem o direito de se importar com o problema do *bis*.

Cumpre-lhe pois educar-se primeiro, para discutir em seguida a questão artistica.

Emquanto porém elle se não educa por si proprio, tratemos todos — o eminente critico e os que trabalham pelo progresso — de o instruir, para que o povo nos não replique com a desculpa habitual *de que ninguém o ensinou nem mandou*, como se a cada um não coubesse o dever de se elevar a si proprio!...

Vamos pois á questão d'Arte, já que para ella fomos invocados. E considerêmol-a largamente fóra da chinezice nacional, que se revela amante da Musica deixando os musicos morrer de fome...

No *bis* ha que distinguir um ponto de Direito e um ponto d'Arte.

Um concerto, uma recita, é antes de tudo um contracto, pelo qual o artista musico ou theatral se exhibe por umas tantas horas, tocando, cantando ou recitando um programma d'antemão publicado, em dia e hora certo, a preço fixo.

Pedir-lhe mais do que elle prometteu, sem lhe augmentar o preço do seu trabalho, é uma violação do contracto. Logo o *bis* é immoral, sob o ponto de vista juridico. D'aqui a rasão de ser da prohibição italiana — quem quer mais, paga mais.

Como porém a Liberdade é o correctivo do Direito, vejamos o que deriva da sua alçada.

O povo é livre em pedir: pode solicitar e instar até por *bis* e *tris*. O artista tem tambem a liberdade de acceder ou não, embora tenha o direito de se negar legitimamente á repetição, sem offensa dos direitos do publico.

Se quer agradar aos ouvintes e está seguro de repetir os trechos com o mesmo ou com maior talento, pode, e tem podido até hoje, repetil-os.

Surge aqui a objecção da Arte. Deve podem repetil-os? Deverá satisfazer á ancia, nem sempre orientada, á cubiça, nem sempre reflectida, do publico avido de sensações e tambem... tantas vezes!... amigo de fazer render o seu dinheiro com o proposito de não voltar a ouvir, quando não é desvairado pela *claque*, pelos ouvintes comprados para bisarem!

Distingamos pois o theatro do concerto.

No theatro, seja comico, dramatico ou lyrico, a liberdade da petição e a liberdade da repetição devem ser banidas completamente. São importunas e anti-esthéticas por quebrarem e até destruirerem a unidade e a logica da acção no espaço e no tempo.

Por isso é que se estabeleceu o preceito de applaudir só no fim dos actos, para não quebrar a sequencia da scena e das scenas. Repetir não se póde, porque já passou o tempo, já mudou o logar da acção. Banido pois o *bis* no theatro.

No concerto imperam as mesmas rasões, porque a musica tem sequencia, ordem e unidade como as peças theatraes. Não devem portanto ser interrompidas.

Poderão repetir se? O gosto do publico — o bom gosto, entende-se — auctorisava a liberdade de repetir a peça toda, se assim aprouvesse ao regente da orchestra ou ao artista.

Mas quem responde pela certeza da mesma perfeição? E quem compensa o artista da infelicidade quando falha, sobretudo quando elle toca, isto é, quando domina um instrumento que lhe é exterior, e está por consequencia sujeito a todas as alterações de tempo, de ventilação, de acustica? Além da propria alma, que talvez não possa, na segunda vez, concentrar-se tanto como na primeira no papel, no estylo, imbeber se na vida e intenção do auctor, para o exprimir conscientemente, sinceramente, elevadamente...

Entendemos pois, que no concerto o *bis* tem de ser banido, quer porque é anti-esthetico, quer porque é inhumano — augmenta no artista as contingencias d'erro.

Este é um motivo capital. Não podemos separar a Arte dos artistas, por mais que em geral se tenham explorado estes em desproveito d'aquella. Poupar os artistas, eleva-os, protegê-los, é um dever. Obrigal-os a fazer mais do que se estipula no contracto inicial é pois immoral, sob o ponto de vista juridico; anti-esthetico, sob o ponto de vista artistico; e inhumano, sob o ponto de vista da mutua protecção que devemos uns aos outros!

9 de maio de 1907.

CARLOS DE MELLO.

*

Respondendo ao original inquerito sobre o *Bis*, direi que o admitto nos concertos, nunca no theatro. É sempre difficil comprehender á primeita audição uma boa peça de musica.

Por maior que seja a educação musical do ouvido, nunca na primeira audição encontra

as grandes bellezas, as particularidades encantadoras, que as outras audições nos deixam perceber.

Não digo com isto que se bisem sonatas inteiras, mas pode-se ouvir bisar perfeitamente um andamento, tendo a recommendal-o a sua belleza e o seu valor.

CANDIDA CILIA.

*

Faz-me v. a honra de querer saber a minha opinião «acerca da vantagem ou inconveniente de, no theatro ou no concerto, se repetirem, a pedido do publico, os numeros musicaes de maior agrado» e, para que eu não tergiverse na resposta, atira-me á queimadura com esta pergunta:

«Deve abolir-se o uso do *Bis*, conservá-lo, ou limitá-lo a casos especiaes?»

Eu lhe digo. N'estes tempos de reclamo feroz e combatente o publico acostumou-se a amuar quando lhe não dão um brinde. Um brinde, mesquinho embora, é sempre gulosamente apreciado. Ou no concerto ou no theatro o *bis* é o brinde e consequentemente aquillo que o publico acolhe com mais aberto regosijo.

Abolir o *bis* será valorisá-lo. Porque nunca um ou outro artista deixaria de, para grangear sympathias, conceder aos que o applaudissem esse favor que, com o ser prohibido e por consequencia mais raro, indubitavelmente subia de valôr.

Deixemos pois ficar onde está a antiga usança e, quando muito, busquemos crear no publico a convicção de que não é justo, nem conveniente, nem delicado exigir dos executantes um esforço que frequentemente os prejudica.

Lisboa, 15-5-907.

PAULO OSORIO.

*

Respondendo ao amavel bilhete, que de v. recebi, em que me perguntam qual a minha opinião sobre o uso do *bis* nos espectaculos, venho dizer francamente o que ha muito penso a esse respeito.

Pedir *bis* durante um espectaculo é causar sempre uma interrupção, e por conseguinte é um facto anormal; porisso só pode ser admissivel quando determinado por outro facto anormal; isto é, quando a peça ou trecho que o provoca seja de tal modo digno de admiração, pela sua belleza ou execução, que se possa considerar um facto anormal.

Não se dando estas circumstancias, é sempre inconveniente.

Bem sei que, praticamente, não é facil es-

tabelecer esta differença, por falta de juiz competente a quem o publico queira sujeitar a sua opinião; mas como se trata aqui d'este assumpto simplesmente no campo theorico, porisso me atrevo a dizer o que me parece mais conforme com a razão.

Emquanto á abolição completa do *bis*, mesmo theoricamente, não me parece justa, nem rasoavel, porque, como já disse, pode dar-se um caso excepcional em que o uso do *bis* seja admissivel.

Em todo o caso, a meu ver, ainda é menos rasoavel o pessimo costume actual de pedir *bis* a torto e a direito, o que por forma alguma tem razão de ser e que é um verdadeiro abuso que *praticamente* muito desejava ver acabar.

M. DE BORBA.

A Moabita

Não são tão frequentes as manifestações de arte genuinamente nacional, para que, apesar da estreiteza do espaço, as deixemos passar sem uma referencia mais desenvolvida.

A *Moabita*, que vamos ouvir pela *Schola Cantorum* durante a primeira quinzena de Junho no salão do Conservatorio é um poema biblico, uma especie de oratoria, em que avultam importantes numeros orchestraes, alem dos solos e coros em que se concretisam as principaes scenas descriptivas. Collaboraram dois novos na composição d'esta obra—os srs. Alfredo Pinto (Sacavem) e Antonio Thomaz de Lima.

Alfredo Pinto não é positivamente um *novo*, pelo menos para os leitores da *Arte Musical*, onde pode dizer-se que elle fez as primeiras armas no campo da literatura artistica. Tem escripto alem d'isso, em varios jornaes, interessantes chronicas d'arte, avultando as que ultimamente se tem publicado no *Tiro e Sport*, em que Alfredo Pinto dá minuciosa e intelligente conta de todo o nosso movimento artistico. Coordenou tambem a letra de uma nova oratoria de José Henrique dos Santos, *Jesus e a Samaritana*, que tivemos occasião



Alfredo Pinto Sacavem)

de ouvir em 1904, graças aos esforços e bem orientada iniciativa da *Sociedade de Concertos e Escola de Musica*.

Na *Moabita* o distincto homem de letras desenvolve qualidades verdadeiramente notáveis de libretista, preparando para o seu collaborador, apesar da singeleza do assumpto, situações muito variadas e em extremo interessantes.

Em resumo, um infatigavel trabalhador e um excellentemente moço.

Thomaz de Lima é um dos nossos considerados musicos de profissão, distinguindo-se como violinista em varias orchestras lisbonenses; trabalhou seriamente a composição com Thomaz Borba, manifestando desde logo uma decidida vocação para este ramo d'arte. Tem em carteira um



Antonio Thomaz de Lima

certo numero de obras que attestam aptidões nada vulgares de compositor, confirmadas agora brilhantemente na *Moabita*.

N'esta peça, de que os auctores nos offerceram gentilmente uma audição ao piano, abunda a inspiração e nunca fallece o interesse. A orchestra é exuberante e bem cuidada tanto na escolha dos timbres como na technica propriamente dita. As partes vocaes não mereceram menos apuro, havendo alguns numeros que hão-de suscitar verdadeiro e unanime enthusiasmo.

Os solos são confiados a um meio-soprano (*Noemi*), dois sopranos (*Moabita* e *Orpha*) e um barytano (*Booz*) e respectivamente desempenhados na proxima audição pelas sr.^{as} D. Ermelinda Cordeiro, D. Palmyra Cardoso Joyce, D. Graziella da Silveira e Léon Jamet.

O argumento d'este pequeno poema lyrico é singelo, como já dissemos.

Nas terras de Moab paira a fome e a miseria (preludio orchestral). Homens, mulheres e creanças imploram a misericordia divina (côro cheio de movimento e afflicção). Noemi refere a Orpha as desgraças que invadiram o paiz e ouvindo ao longe os gritos de desespero de tantos infelizes, cae em profunda tristeza. Resolveu partir, fugir d'aquellas desoladas paragens, e aconselha Orpha e Moabita a que voltem para suas casas, visto já não terem marido e não haver ali senão dôr e miseria. Moabita, porem, não quer abandonar a velha Noemi e partirá com ella, custe o que custar.

Os habitantes de Moab olham as tristemente, admirando a fé e a coragem d'aquellas duas mulheres, que vão partir em busca de melhor vida.

Estamos a caminho de Bethlem, aqui a orchestra descreve a natureza em festa, cheia de flores e risos; ouvem-se ao longe as avenas dos pastores.

Moabita cheia de alegria diz a Noemi que já vê ao longe os vergeis de Bethlem. Um côro festeja a natureza, e admira-se da chegada de Noemi, que lhe responde: *Noemi já não sou, antes Mara a Amargosa*. Moabita, como em uma visão, reza uma supplica ao Senhor pedindo-lhe felicidade (Bello trecho com acompanhamento d'orgão).

D'ahi a pouco Noemi e Moabita entram nas primeiras ruas da cidade.

Termina aqui a primeira parte do poema com um numero de orchestra, em que avulta um inspirado solo de violino.

A acção passa-se durante a segunda parte nos campos de Booz. Um grande e bello coro de camponeses entoam canticos alegres, com que vae acompanhando as canceiras do trabalho.

N'uma encantadora phrase musical da *Moabita*, apresenta-se esta no campo a pedir trabalho; segue-se uma scena orchestral descrevendo o labutar d'aquella gente.

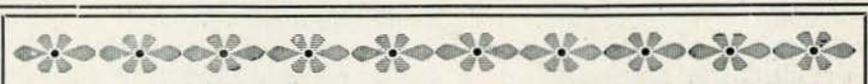
Principia a desaparecer o dia, ouvindo-se muito ao longe outra vez os coros dos pastores que veem das pastagens.

Entra Booz no campo e vendo Moabita pergunta aos seus trabalhadores quem é aquella mulher, elles respondem-lhe e Booz reconhece Moabita e fica encantado com a sua boa alma. Depois d'um curto dialogo a *Moabita* descreve n'um grande *racconto* dramatico a fome nas terras de Moab e o que soffreu para chegar até ali; Booz, verdadeiramente commovido com aquella narração, mais se apaixona pela *Moabita*, dizendo-lhe que a quer tomar por esposa.

Moabita parte para a cidade a dar conta a Noemi do que ha passado. N'esta segunda parte o libretto affasta-se do texto biblico por conveniencia para o compositor. Um grande coro final que é dividido em tres partes para symbolisar a *noite*, a *madrugada* e o *dia*, é um grande crescendo, uma saudação ao Senhor por ter enviado mais um novo dia á terra, e assim termina a ultima parte.

Eis, em traço largo, o que é a *Moabita* de Alfredo Pinto e Thomaz Lima, de que a *Schola Cantorum* nos dará brevemente as primicias.

Deve-se pois mais este serviço á benemerita sociedade de propaganda artistica e ao seu infatigavel director, o maestro Alberto Sarti.



Honra hoje a presente pagina da *Arte Musical* o nome festejado de D. Branca de Gonta Colaço. Os amadores das finas letras conhecem já mais de um formosíssimo soneto d'esta illustre poetisa; esses, como de resto todos os que vibram com manifestações do talento, lerão com justificado prazer as lindas quadras que seguem, e nós agradecemos penhorados.

A' GUITARRA

D'alguns é branca a ventura,
a d'outros é côr dos céus!
A minha ventura é negra,
tem a côr dos olhos teus! ..

O meu póbre coração,
vále mais que um paraíso:
é uma casita, ignorada,
onde móra o teu sorriso...

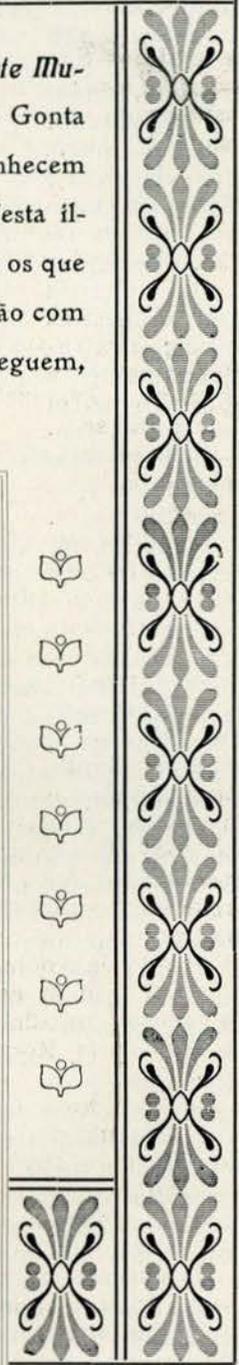
Não sei que fiz da alegria
desde o dia em que te vi,
mas creio que m'a roubaram,
que eu, decérto a não perdi!...

Não quero morrer ainda
nem deixar os meus amores,
que a minha vida é tão linda
como um canteiro de flôres!

Por mais que se o résto próva
ser um continuo revez,
morrer venturósa e nóva
melhor me fôra talvez!

1907

Branca de Gonta Colaço.






18 de maio. — Sarau de alumnos da *Real Academia de Amadores de Musica*. — Conistou de solos de piano, canto e violino, trechos de musica de camara e numeros orpheonicos.

Distinguiram-se nos primeiros as meninas Maria da Matta, Arminda Castro e Sousa, Alda Gusmão, Isabel Neves, Eugenia Ochôa, Alice Lopes e Adelaide Sanguinetti, tomando parte na musica de camara as meninas Ochôa, Brandão, Veiga, Ledo, Lopes, Avila e o alumno João Devecchi Neves.

19 de maio. — Primeira das tres *matinées* de alumnos que se propuzeram dar no salão de D. Maria os illustres professores D. Maria Adelaide Sanguinetti (*canto*), D. Adelia Heinz (*piano*) e Julio Cardona (*violino*). A segunda effectuou-se em 26 e a ultima será em 2 do proximo mez no Conservatorio.

N'essa mesma data realisou-se no theatro de S. Carlos um sarau promovido pela tuna e orpheon do *Atheneu Commercial de Lisboa*, em que se apresentaram varios alumnos de canto, provindos das escolas do Atheneu.

20 de maio. — Audição de alumnas das professoras D. Philomena e D. Beatriz Rocha. Como se sabe, as diligentes leccionistas tem um grande numero de discipulas tanto de piano como de violino; n'esta *séance* não se apresentaram menos de quinze, cuja execução relativamente distincta abona da forma a mais peremptoria o excellente methodo d'ensino das irmãs Rochas. No programma, que era vasto e bem escolhido, figurou o *Trio em si bemol*, tocado por D. Beatriz Rocha, D. Philomena Rocha e José Henrique dos Santos.

A' noute teve logar no Salão do Conservatorio a apresentação da nossa grande violoncellista D. Guilhermina Suggia, que galvanisou como de costume o seu auditorio n'uma intensa e inolvidavel vibração d'arte.

Não sabemos que mais admirar lhe, se a ternura no cantar de certas phrases, se a emoção que se desprende de tudo o que executa, se a sobriedade e o respeito com que traduz os diversos estylos, se finalmente a segurança da technica que cada dia se vae afirmando mais e mais.

Peregrino temperamento d'artista!

A sua *Sonata* de Boëlmann foi um verdadeiro deslumbramento e especialmente o segundo numero teve suspenso e maravilhado cada um dos ouvintes.

O *Vito* de Popper não se pode tocar com mais leveza e finura; a melodia de Pergolese não se pode dizer com maior doçura e carinho. E em todas as outras peças, algumas até algo vazias de nexo como as *Variações* de Tschaikowski, havia sempre que admirar e applaudir.

Foi pois uma verdadeira noute de festa o concerto de Guilhermina Suggia. Nos applausos e ovações com que o publico galaridou o trabalho da inspirada violoncellista, coube tambem um quinhão, e bem merecido, ao sympathico pianista Bonet, que não só compartilhou do exito da *Sonata* de Boëlmann, como acompanhou distinctissimamente todos os outros numeros do programma.

25 de maio. — Muito distincta a *séance* de discipulos de Madame Palmyra R. Baptista Mendes. Programma optimamente confeccionado com os auctores mais consagrados da literatura do piano.

26 de maio. — Alem da *matinée* no salão do D. Maria, a que já nos referimos, houve outras duas n'este domingo.

No Grande Club de Lisboa uma audição de discipulos de canto de Madame Carolina Palhares, que foi para esta notavel vocalista um triumpho em toda a linha. As suas alumnas entre as quaes se encontram vozes superiormente educadas, tiveram acolhimento entusiastico, de que largamente compartilhou a illustre organisadora do concerto.

No Conservatorio realisou-se á mesma hora uma audição d'alumnos, cujo producto reverteu a favor do cofre de subsidios. Tanto a orchestra, regida pelo maestro Gazul, como os coros dirigidos por Guilherme Ribeiro, foram apreciadissimos, mostrando o zelo profissional, que distingue esses abalisados mestres e o proveito colhido durante o anno lectivo.

Nos solos de piano distinguiram-se D. Maria Frazão e D. Maria Pinheiro dos Santos (classe do professor Francisco Bahia); no clarinete houve-se com grande correcção o alumno Antonio Casimiro Roque (classe do professor Innocencio Pereira); na harpa, as alumnas Herminia Rosenstok (discipula da professora D. Josepha Martinez) e D. Amelia Dias da Silva (classe do professor Alexandre Bettencourt); no canto *Voi lo sapete o mamma*, da «Cavalleria Rusticana» e *Pleurez mes yeux* de Massenet, por D. Maria da Conceição Eça Leal.

Foi tambem muito apreciado o *Preludio* executado pela orchestra, composição do alumno de contra-ponto Joaquim Fernandes (classe do professor Frederico Guimarães).

Na recitação de varios *Autos* de classicos auctores, distinguiram se particularmente os alumnos das aulas de declamação, entre os

quaes se notaram verdadeiras vocações d'artista, que muito hão-de ena tecer o futuro theatro portuguez e entre os quaes ha a especialisar a alumna Maria de Mattos e Silva que empolgou o auditorio n'um trecho do *Auto da Cananéa*.

28 de maio. — Terceiro concerto da *Real Academia de Amadores* na presente serie. Ainda se não realisou á data em que escrevemos, constando nos que entre outras obras de grande importancia, se executa a *Symphonia heroica* de Beethoven.

*

E para terminar agradecemos a todos os que distinguiram a *Arte Musical* com um convite, esperando nos desculpem aquelles a quem não podemos corresponder com a nossa presença, como desejaríamos.



PORTUGAL

A comissão dos serviços artisticos do Monte-pio Philarmonico, representada pelos srs. Michel'angelo Lambertini, Julio Taborda, João Carlos da Costa e Joaquim Filippe da Silva, foi ha dias procurar o sr. presidente do conselho para lhe expor um assumpto de manifesta importancia para a classe dos musicos portuguezes.

O sr. João Franco prometeu interessar-se pelo referido assumpto, recommendando-o á direcção de Instrucção Publica.

*

A caricatura de Vianna da Motta, que sahio no numero passado e que tanto exito obteve entre os nossos leitores, é a primeira de uma serie de caricaturas de artistas portuguezes, que o nosso jornal vae publicar.

Foi confiada esta nova secção ao conhecido e valioso artista Francisco Valença, cujo espirituoso lapis já enriqueceu a nossa galeria com uma outra deliciosa *charge*, que os nossos leitores poderão admirar no proximo numero.

*

Foram muitos brilhantes as festas organisadas este anno pela *Real Casa Pia*, para commemorar a primeira communhão aos alumnos mais novos.

A missa de festa, que teve logar em 19, era

composição do illustre professor Padre Thomaz Borba e foi executada por um numero cõro de alumnos, acompanhados no orgão pelo proprio auctor.

Ao offertório o sr. José Nunes Baptista, ex-alumno d'aquelle utilissimo estabelecimento de caridade, entoou a formosa *preghiera* do rev.^o Borba, *Senhor, eu sou teu filho*; depois da missa cantou o mesmo distincto amador o *Tantum ergo* de Freitas Gazul.

*

Do sr. Hermano Possollo, compositor fluminense, recebemos uma nova composição para piano, com o titulo de *Tout à toi*. É uma pequena peça em fórma de serenata e no estylo das canções populares da baixa Italia.

*

Tem-se ultimamente distinguido no Porto um novo fabricante de instrumentos musicos, de nome Abel Ferreira da Silva, que se tem dedicado á especialidade dos orgãos e outros instrumentos mecanicos.

Cita-se, entre os seus trabalhos mais importantes, um orgão construido para o sr. Carlos Villares, engenheiro residente na Foz, e que alem de poder tocar-se manualmente, toca tambem automaticamente por meio de cartões perfurados.

O novo fabricante portuense estabeleceu-se na rua do Almada, 128 a 132.

*

A *Schola Cantorum* vae ter occasião de executar dois trabalhos portuguezes da maior importancia. O primeiro, a que aqui já nos referimos e que vae ser apresentado muito brevemente, é a *Moabita* dos nossos amigos Thomaz de Lima e Alfredo Sacavem; d'elle nos occupamos em artigo especial no presente numero.

Quanto ao segundo, cujo libretto é tambem extrahido da Biblia, foi composto pelo rev. dr. Luiz Gonzaga Cabral, illustrado director do Collegio de Campolide, sendo a musica do conhecido compositor Pedro Fernando da Costa Pereira, professor d'aquelle estabelecimento de ensino e organista da Sé.

Intitula se *Virgo Mater*, é dividido em tres partes e um prologo, e commemora a Anunciação e Visitação da Virgem e o Nascimento, Morte e Resurreição do Redemptor.

*

O director da nossa revista, sr. Michel'angelo Lambertini, foi nomeado membro da secção de ensino profissional e artistico na *Liga Nacional d'Instrucção*, recentemente fundada.

LOUIS RHEAD

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
 PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ.
 LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

BECHSTEIN

43 — P. dos Restauradores — 49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, deveis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: — Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Praça dos Restauradores

Augusto d'Aquino

Rua dos Correios, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Asiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..

- Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghemakere
- Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
- Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
- Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
- Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
- New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

CARL HARDT

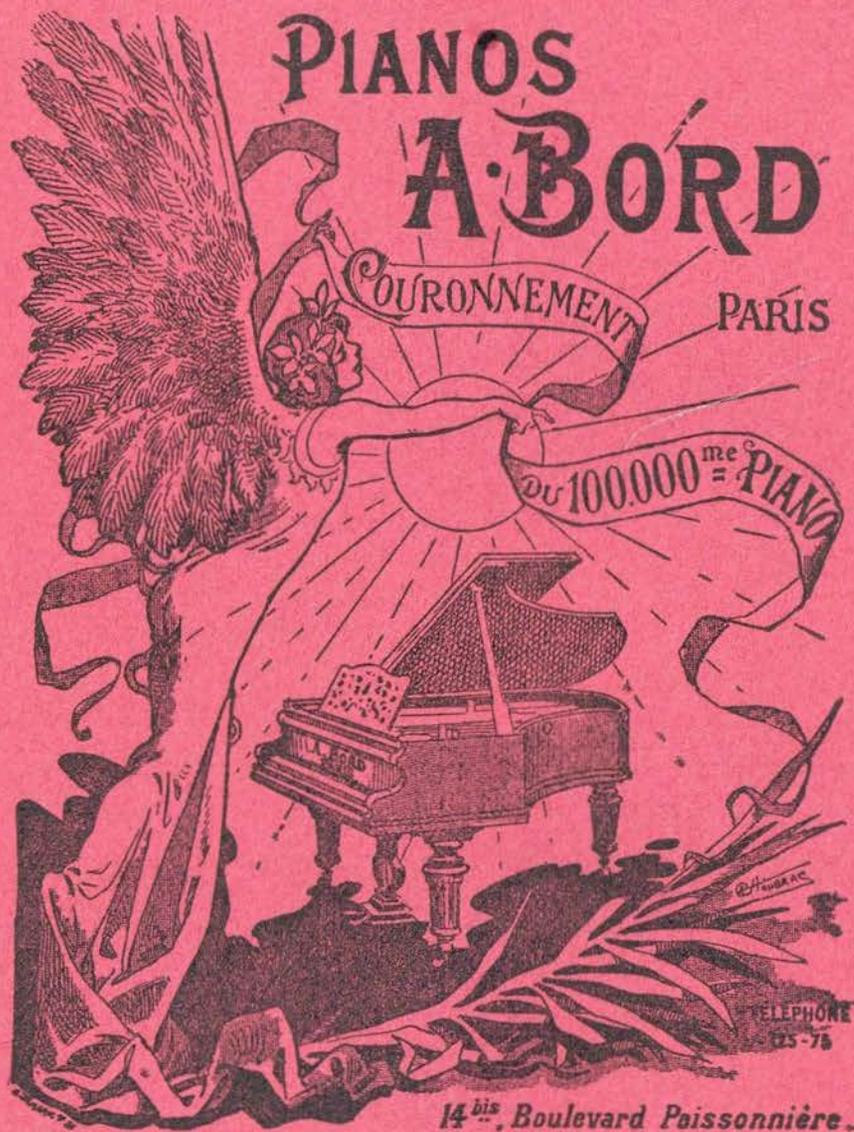
FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000 pianos
Produção até hoje 113:000

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors concours

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Cambes, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino, <i>Rua da Gloria, 51, 1.º, D.</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julieta Hirsch , professora de canto, <i>R. Maria, 8, 2.º, D. (Bairro Andrade)</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Salitre, 19, 1.º</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Avenida de D. Amelia, M. L. r/c.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA